



Memórias da pandemia: o trabalho docente de educadoras da EJA/EM no ensino remoto em Porto Alegre/RS

Isabella Azambuja

Isabella.k.azambuja@gmail.com

Andréa Ribeiro Gonçalves

andrearigonca@gmail.com

Mônica de la Fare

Monica.fare@puccrs.br

A marginalização tanto dos estudantes quanto da própria modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas políticas educacionais é marca histórica na sociedade brasileira. Partindo da concepção geral de educação de adultos, há a possibilidade de irmos até o Brasil Colônia, com a colonização e catequização dos indígenas, ou até os trabalhos sociais do movimento negro expressados na Frente Negra Brasileira e no Teatro Experimental do Negro (PASSOS, 2012).

Já em 2021, o governo do estado do RS impediu novas matrículas na EJA nas escolas que ainda a ofertavam sob a justificativa de proporcionar mais tempo para os matriculados terminarem o curso. Também sem a intenção de fazer uma análise conjuntural da situação política estadual da modalidade, é perceptível que a EJA, já abalada historicamente, continua sofrendo ataques constantes, principalmente em um dos momentos mais frágeis da educação: a pandemia de COVID-19.

Esses impactos tão críticos em um curto período de tempo levam os docentes, discentes e pesquisadores de EJA a projetarem um cenário não favorável para a modalidade; além disso, em conjunto com a projeção da reestruturação do novo Ensino Médio (EM) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com o aumento do desemprego entre os estudantes e com a evasão significativa do EM durante a pandemia, a EJA corre riscos de passar por abalos que afetem suas bases pedagógicas.

Andrade (2021) elenca algumas tendências para a EJA no “pós-ensino remoto”, sendo a primeira delas a relação inversa entre oferta e demanda: maior demanda de

matrículas, mas menos oferta pelas escolas, devido às reestruturações educacionais e ao avanço da política de negligência educacional. A segunda tendência questiona o alinhamento da EJA à BNCC, que em seu texto oficial, a terceira versão do documento, suprime a discussão específica da EJA que aparece na primeira e na segunda versões. Assim, uma nova gramática da formação trabalhadora (BRASIL, 2021) insiste unicamente na relação da EJA com o trabalho imediatista, técnico e pragmático. A proposta reflete a situação trabalhista informal e “empreendedora” dos estudantes na vida cotidiana.

Assim, se faz necessário uma outra concepção de trabalho, como uma práxis da vida e não em uma perspectiva neoliberal de retorno financeiro e material. Nesse sentido, esse texto traz um recorte de uma pesquisa em andamento junto a linha de pesquisa Teorias e Culturas em Educação do PPGEdu-PUCRS, inscrito no grupo de pesquisa CNPq “Adultos, Jovens e Educação no Contemporâneo”, apresentando a atuação de duas educadoras da EJA no contexto do ensino remoto no momento pandêmico.

Com o objetivo de reconstruir a memória da atuação docente na EJA no Ensino Médio no ensino remoto durante a pandemia de COVID-19, em setembro de 2020 aplicou-se um questionário online para professores e gestores da EJA, com 7 questões fechadas e 3 questões abertas. Esse questionário foi enviado para redes e grupos de professores de EJA nas redes sociais; 23 pessoas responderam ao questionário, sendo 19 educadores e 4 gestores. Em dezembro de 2021, duas entrevistas semi-estruturadas foram realizadas, uma com uma professora da rede particular de Porto Alegre (sob o pseudônimo de Júlia) e outra com uma professora da rede estadual da mesma cidade (sob o pseudônimo de Bruna), a fim de aprofundar a reconstrução da experiência da EJA durante o ensino remoto no período mais complexo da pandemia. As perguntas foram orientadas para a divisão do período pandêmico, a experiência com as plataformas digitais e a abordagem pedagógica dos docentes.

O perfil dos respondentes ao questionário foi um tanto homogêneo, contando majoritariamente com a participação de docentes de mais de 40 anos (13 pessoas), nenhum respondente de menos de 30 anos. Em relação ao gênero, 18 auto-declaradas mulheres responderam ao questionário. Todas as instituições se situam em Porto Alegre/RS.

Durante o período de aulas remotas, dentre as estratégias mais adotadas pelos docentes, houve aulas síncronas via Google Meet, atividades impressas, atividades

assíncronas e uso de redes sociais utilizadas pelos estudantes, tanto para *lives* quanto para postagens em grupos compartilhados entre professores, estudantes e familiares.

Qualquer que fosse a estratégia prática, a tentativa da maior parte dos docentes era estar em contato quase diário com os estudantes, para prevenir o máximo possível a saída dos estudantes da escola, já tão característica da EJA. Portanto, para os respondentes do questionário, os orientadores das abordagens eram sempre o diálogo, a transparência, empatia e respeito na escuta, sem deixar que o otimismo fosse deveras abalado pela realidade dura. Entre as estratégias pessoais, os professores e gestores evidenciaram a gestão de tempo entre as instituições que trabalhavam, as necessidades da família, o lazer e as questões pessoais.

Algumas situações ficaram evidentes a partir do formulário: dificuldades na construção do vínculo entre docentes e estudantes, problemas nas formações das plataformas que não recebiam resposta dos estudantes, nas lacunas de aprendizagem cada vez mais alargadas; todas essas condições levam a um atendimento disperso, pouco frequente, dos processos de aprendizagem de estudantes da EJA. Outra situação que ficou exposta foi a insegurança alimentar dos estudantes, as duas entrevistadas destacam que as escolas desenvolveram iniciativas de arrecadação de cestas básicas para doarem aos estudantes.

As entrevistas realizadas proporcionam um aprofundamento qualitativo no quadro quantitativo que evidencia o questionário. Júlia recorda que começou a utilizar o Whatsapp no início, fazendo o trabalho de secretária já que a escola se ocupava com as outras séries. Eram tantos casos específicos que criou um grupo com os professores e estudantes para as questões mais imediatas das atividades, e outro para questões mais burocráticas e individuais. Ressalta que o maior impacto que teve nos atendimentos síncronos foi ver as estudantes, na maioria mulheres, com os bebês de colo enquanto estudam, pois perderam as creches. Além disso, por ter os estudantes nas redes sociais, via muito da divulgação dos trabalhos que encontraram no período para sobreviver: venda de comida pela internet e outros trabalhos autônomos e informais.

Já Bruna conta que a primeira questão que tiveram como grupo de docentes foi como ter acesso aos estudantes sem sobrecarregar os professores. No final de 2020 um aplicativo foi providenciado pelo governo, chamado CórTEX, para proporcionar acesso às atividades. No entanto, os estudantes não tinham dados móveis, era uma plataforma pesada, e o acesso se dificultou mais ainda. Destaca a lacuna trabalhista. Eles recorrem a

essa modalidade para ter alguma possibilidade de futuro, mas, pelas condições sociais, são obrigados a trabalhos ainda mais informais. Assim, os estudantes adultos foram ainda mais expostos por terem de primeiro resolver a sobrevivência da vida, e depois os estudos.

Se evidencia a importância central de retomar a relação política da EJA na cidade de Porto Alegre através de mais oferta e mais qualidade, para que se proporcione à massa de desempregados causada pela pandemia uma possibilidade de futuro diferente. Além disso, pelas lacunas de aprendizagem que se aprofundaram, principalmente pois na EJA o ano letivo é de um semestre e não de um ano, é necessário que, na ação docente, se retome a constituição da EJA como modalidade de ensino diferente do Ensino Médio regular em relação à BNCC para que se pensem propostas que articulem de forma produtiva trabalho e vida. Pois, as entrevistas expressam o descaso e negligência que a modalidade sempre sofreu, principalmente em tempos de crises políticas e sanitárias. Assim, a EJA segue sendo negligenciada em diferentes frentes, econômica, política e pedagógica, o que torna ainda mais urgente que se olhe para ela a partir das suas necessidades próprias.

Palavras-chave: EJA; Ensino Médio; Pandemia Covid-19; Ensino Remoto.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rodrigo Coutinho. Tendências da educação de jovens e adultos pós-pandemia de covid-19. **RTPS-Revista Trabalho, Política e Sociedade**, v. 6, n. 10, p. 213-238, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Texto referência para as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. 2021. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2020-pdf/166421-texto-referencia-dcn-s-eja-1/file>. Acesso em: 02 de fev. de 2021.

PASSOS, Joana Célia dos. As desigualdades educacionais, a população negra e a Educação de Jovens e Adultos. In: LAFFIN, M H L Fernandes. **Educação de Jovens e Adultos, diversidade e o mundo do trabalho**. Ijuí: Unijuí, 2012.